

**Exame Final Nacional de Português**  
**Prova 639 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2024**  
12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

## VERSÃO 2

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

## GRUPO I

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

### PARTE A

Leia o texto e as notas.

---

No excerto de *A Cidade e as Serras* a seguir apresentado, o narrador encontra-se em Paris, no palácio do seu amigo Jacinto, situado nos Campos Elísios, número 202.

---

No 202, todas as manhãs, às nove horas, depois do meu chocolate e ainda em chinelas, penetrava no quarto de Jacinto. Encontrava o meu amigo banhado, barbeado, friccionado, envolto num roupão branco de pelo de cabra do Tibete, diante da sua mesa de *toilette*, toda de cristal (por causa dos micróbios) e atulhada com esses utensílios de tartaruga, marfim, 5 prata, aço e madreperla que o homem do século XIX necessita para não desfear o conjunto sumptuário<sup>1</sup> da Civilização e manter nela o seu Tipo. As escovas sobretudo renovavam, cada dia, o meu regalo e o meu espanto – porque as havia largas como a roda maciça de um carro sabino<sup>2</sup>; estreitas e mais recurvas que o alfange<sup>3</sup> de um mouro; côncavas, em forma de telha aldeã; pontiagudas, em feitio de folha de hera; rijas que nem cerdas<sup>4</sup> de javali; macias que 10 nem penugem de rola! De todas, fielmente, como amo que não desdenha nenhum servo, se utilizava o meu Jacinto. E assim, em face ao espelho emoldurado de folhedos de prata, permanecia este Príncipe passando pelos sobre o seu pelo durante catorze minutos.

No entanto o Grilo e outro escudeiro, por trás dos biombos de Quioto, de sedas lavradas<sup>5</sup>, manobravam, com perícia e vigor, os aparelhos do lavatório – que era apenas um resumo 15 das máquinas monumentais da Sala de Banho, a mais extremada maravilha do 202. Nestes mármore simplificados existiam unicamente dois jactos graduados desde *zero* até *cem*; as duas duchas, fina e grossa, para a cabeça; a fonte esterilizada para os dentes; o repuxo borbulhante para a barba; e ainda botões discretos, que, roçados, desencadeavam esguichos, cascatas cantantes, ou um leve orvalho estival. Desse recanto temeroso, onde delgados tubos 20 mantinham em disciplina e servidão tantas águas ferventes, tantas águas violentas, saía enfim o meu Jacinto enxugando as mãos a uma toalha de felpa, a uma toalha de linho, a outra de corda entrançada para restabelecer a circulação, a outra de seda frouxa para repolir a pele. Depois deste rito derradeiro que lhe arrancava ora um suspiro, ora um bocejo, Jacinto, estendido num divã, folheava uma agenda, onde se arrolavam<sup>6</sup>, inscritas pelo Grilo ou por ele, 25 as ocupações do seu dia, tão numerosas por vezes que cobriam duas laudas<sup>7</sup>.

Todas elas se prendiam à sua sociabilidade, à sua civilização muito complexa, ou a interesses que o meu Príncipe, nesses sete anos, criara para viver em mais consciente comunhão com todas as funções da Cidade. (Jacinto com efeito era presidente do clube da Espada e Alvo; comanditário<sup>8</sup> do jornal «O Boulevard»; diretor da Companhia dos 30 Telefones de Constantinopla; sócio dos Bazares Unidos da Arte Espiritualista; membro do Comité de Iniciação das Religiões Esotéricas, etc.) Nenhuma destas ocupações parecia porém aprazível ao meu amigo – porque, apesar da mansidão e harmonia dos seus modos, frequentemente arremessava para o tapete, numa rebelião de homem livre, aquela agenda que o escravizava.

Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, Porto, Livros do Brasil, 2016, pp. 41-42.

## NOTAS

<sup>1</sup> *sumptuário* – em que há grande luxo e sofisticação.

<sup>2</sup> *carro sabino* – carro com detalhes dourados, usado pelo povo sabino, que vivia na região do Lácio, em Itália.

<sup>3</sup> *alfange* – espada curta, larga e curva.

<sup>4</sup> *cerdas* – pelos grossos e ásperos.

<sup>5</sup> *lavradas* – bordadas.

<sup>6</sup> *arrolavam* – inventariavam.

<sup>7</sup> *laudas* – páginas.

<sup>8</sup> *comanditário* – sócio capitalista, que não intervém na administração.

\* 1. Entre as linhas 2 e 23, o narrador descreve o complexo ritual matutino do seu amigo Jacinto.

Explícite duas características do modo de vida de Jacinto que motivam a admiração do narrador.

\* 2. Jacinto parece ter uma relação ambígua com a civilização.

Justifique esta afirmação.

3. Considere as afirmações seguintes sobre o texto.

I. Através da expressão «recanto temeroso» (linha 19), o narrador exprime a atração que sente pela modernidade evidenciada na maquinaria ao dispor de Jacinto na sua Sala de Banho.

II. A linguagem de cariz impressionista está patente, por exemplo, no uso da aliteração e da adjetivação presentes na expressão «cascatas cantantes, ou um leve orvalho estival» (linha 19).

III. Nas linhas 15 a 19, recursos expressivos como a enumeração e a adjetivação contribuem para conferir visualismo às descrições.

IV. O recurso à expressão correlativa «ora... ora» (linha 23) traduz uma ideia de opcionalidade entre duas ações.

V. Expressões como «o meu Jacinto» (linhas 11 e 21) e «o meu Príncipe» (linha 27) evidenciam não só a relação íntima entre Jacinto e o narrador, mas também o ponto de vista do segundo sobre o primeiro.

Identifique **as três afirmações verdadeiras**.

Escreva, na folha de respostas, os números que correspondem às afirmações selecionadas.

## PARTE B

Leia o poema e as notas.

As rosas amo dos jardins de Adónis<sup>1</sup>,  
Essas volucres<sup>2</sup> amo, Lídia, rosas,  
Que em o dia em que nascem,  
Em esse dia morrem.  
5 A luz para elas é eterna, porque  
Nascem nascido já o sol, e acabam  
Antes que Apolo<sup>3</sup> deixe  
O seu curso visível.  
Assim façamos nossa vida um dia,  
10 Inscientes<sup>4</sup>, Lídia, voluntariamente  
Que há noite antes e após  
O pouco que duramos.

Ricardo Reis, *Poesia*, edição de Manuela Parreira da Silva,  
Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, pp. 13-14.

### NOTAS

<sup>1</sup> *Adónis* – jovem da mitologia grega, símbolo de beleza masculina.

<sup>2</sup> *volucres* – efémeras.

<sup>3</sup> *Apolo* – deus grego do sol.

<sup>4</sup> *Inscientes* – ignorantes.

\* 4. Explícite a importância da referência aos elementos da natureza para o desenvolvimento do pensamento do sujeito poético.

\* 5. Explique os quatro últimos versos do poema, tendo em conta o ideal de vida defendido pelo sujeito poético.

6. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada.

No poema apresentado, constata-se o classicismo da poesia de Ricardo Reis, nomeadamente através do recurso à **a)** , nos versos 7 e 8.

O carácter moralista da poesia deste heterónimo pessoano é indiciado pelo uso de verbos conjugados na primeira pessoa do modo conjuntivo, como ocorre **b)** .

a)	b)
1. perífrase	1. no verso 12
2. hipérbole	2. no verso 1
3. metonímia	3. no verso 9

## PARTE C

- \* 7. Observe a pintura de René Magritte a seguir apresentada, tendo em vista o estabelecimento de uma comparação com o texto narrativo que integra a Parte A desta prova.



René Magritte, *Valores Pessoais*, 1952, Museu de Arte Moderna de São Francisco.

Escreva uma breve exposição na qual compare os elementos que compõem a pintura com as ideias expressas no excerto de *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita dois aspetos que permitam estabelecer uma comparação, por semelhança e/ou por contraste, entre o quadro de Magritte e o excerto de *A Cidade e as Serras* apresentado na Parte A;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

## GRUPO II

Leia o texto.

É-nos dito e repetido que o tempo bem aproveitado é um contínuo, tendencialmente ininterrupto, que devemos esticar e levar ao limite. A maioria de nós vive nessa linha de fronteira, em esforçada e insatisfeita cadência, a desejar, no fundo, que a vida seja o que ela não é: que as horas do dia sejam mais e maiores, que a noite não adormeça nunca, que os fins de semana  
5 cheguem para nos salvar a face diante de tudo o que fica adiado.

Quantas vezes damos por nós a concordar automaticamente com o lugar-comum: «precisava que o dia tivesse quarenta e oito horas» ou «precisava de meses de quarenta dias». Desconfio que não seja disso exatamente que precisamos. Bastaria, aliás, reparar nos efeitos colaterais das nossas vidas sobreocupadas, no que fica para trás, no que deixámos por dizer  
10 ou acompanhar. Sem darmos bem conta, à medida que os picos de atividade se agigantam, as nossas casas vão-se assemelhando a casas devolutas, esvaziadas de verdadeira presença; a língua que falamos torna-se incompreensível como uma língua sem falantes no mundo mais próximo; e, mesmo que habitemos a mesma geografia e as mesmas relações, parece que, de repente, isso deixou de ser para nós uma pátria e se tornou uma espécie de terra de ninguém.

O ponto de sabedoria é aceitar que o tempo não estica, que ele é incrivelmente breve e que, por isso, temos de o viver com o equilíbrio possível. Não nos podemos iludir com a lógica das compensações: que o tempo que roubamos, por exemplo, às pessoas que amamos procuraremos devolvê-lo de outra maneira, organizando um programa ou comprando-lhes isto e aquilo; ou que o que retiramos ao repouso e à contemplação vamos tentar compensar numas  
20 férias extravagantes. A gestão do tempo é uma aprendizagem que, como indivíduos e como sociedade, precisamos de fazer.

Nisto do tempo, por vezes, é mais importante saber acabar do que começar, e mais vital suspender do que continuar. [...] Isso implica, não raro, um exercício de desprendimento e de pobreza. Aceitar que não atingimos todos os objetivos a que nos tínhamos proposto. Aceitar  
25 que aquilo aonde chegamos é ainda uma versão provisória, inacabada, cheia de imperfeições. Aceitar que nos faltam as forças, que há uma frescura de pensamento que não obtemos mecanicamente pela mera insistência. Aceitar porventura que amanhã teremos de recomeçar do zero e pela enésima vez.

Creio que o momento de viragem acontece quando olhamos de outra forma para o inacabado,  
30 não apenas como indicador ou sintoma de carência, mas como condição inescusável do próprio ser. Ser é habitar, em criativa continuação, o seu próprio inacabado e o do mundo.

José Tolentino Mendonça, «A arte do inacabado», in *Que Coisa São as Nuvens*, Paço de Arcos, Expresso | Impresa Publishing, 2015, pp. 35-36.

1. Na perspetiva do autor, a dificuldade sentida pela «maioria de nós» (linha 2) em aproveitar bem o tempo provoca, geralmente, uma reação de

- (A) tédio.
- (B) frustração.
- (C) aceitação.
- (D) revolta.

- \* 2. Como estratégia para lidar com os «efeitos colaterais das nossas vidas sobreocupadas» (linhas 8 e 9), o autor recomenda ao leitor que
- (A) acolha com naturalidade a incompletude, reconhecendo as vantagens de parar e de reiniciar.
  - (B) compense, de forma criativa, o pouco tempo destinado ao sono, ao lazer e às pessoas amadas.
  - (C) opte pela simplicidade do que é verdadeiramente essencial, libertando a sua casa do supérfluo.
  - (D) privilegie sem remorsos a vivência do momento presente, adiando as tarefas indefinidamente.
3. Em «parece que, de repente, isso deixou de ser para nós uma pátria e se tornou uma espécie de terra de ninguém» (linhas 13 e 14), o autor recorre
- (A) à antítese para evidenciar o desvanecimento da identidade nacional, causado pela existência de pessoas falando diferentes línguas.
  - (B) à metáfora para evidenciar o esvaziamento do sentimento de pertença, devido à falta de conexão nas relações humanas.
  - (C) à metáfora para evidenciar o esvaziamento do sentimento de pertença, devido ao distanciamento geográfico entre as pessoas.
  - (D) à antítese para evidenciar o desvanecimento da identidade nacional, causado pelo isolamento que caracteriza as sociedades modernas.
- \* 4. Através da reflexão desenvolvida ao longo do texto, o autor pretende sobretudo
- (A) enaltecer o aproveitamento ininterrupto do tempo face aos objetivos traçados.
  - (B) valorizar a alternância entre períodos de atividade e períodos de inatividade.
  - (C) contestar a alienação face ao que é verdadeiramente importante na vida.
  - (D) exortar a uma atitude eminentemente contemplativa na rotina quotidiana.
5. No contexto em que ocorre, a expressão «devemos esticar e levar ao limite» (linha 2) exprime
- (A) a modalidade apreciativa.
  - (B) a modalidade deôntica com valor de permissão.
  - (C) a modalidade epistémica com valor de probabilidade.
  - (D) a modalidade deôntica com valor de obrigação.
- \* 6. A expressão «do tempo» (linha 20) e o pronome «nos» (linha 16) desempenham as funções sintáticas
- (A) de modificador do nome, no primeiro caso, e de complemento indireto, no segundo caso.
  - (B) de complemento do nome, no primeiro caso, e de complemento indireto, no segundo caso.
  - (C) de complemento do nome, no primeiro caso, e de complemento direto, no segundo caso.
  - (D) de modificador do nome, no primeiro caso, e de complemento direto, no segundo caso.

\* 7. Todas as orações abaixo identificadas são subordinadas substantivas completivas, **exceto**

- (A) a oração iniciada por «que» na linha 29.
- (B) a oração iniciada por «que» na linha 20.
- (C) a oração iniciada por «que» na linha 27.
- (D) a oração iniciada por «que» na linha 7.

### \* GRUPO III

Se para uns a felicidade consiste em saber viver com simplicidade e desapego dos bens materiais, para outros a acumulação e a ostentação de riqueza constituem o objetivo primordial da vida.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre o modo como a felicidade pode ser alcançada.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

**Observações:**

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2024/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

**FIM**

### COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	4.	5.	7.	2.	4.	6.	7.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	3.	6.	1.	3.	5.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										39
<b>TOTAL</b>											<b>200</b>